

INGLÊS DE SOUSA NA IMPRENSA (1873-1899): RECEPÇÃO DA LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA

Msc. Marcela Ferreira (IFG-Campus Uruaçu)

Em 1853, nasce Herculano Marcos Inglês de Sousa¹, em Óbidos, uma pequena cidade do interior do Pará, situada à margem esquerda do rio Amazonas, onde o autor passa uma boa parte de sua infância. Para completar os primeiros estudos, muda-se para o Maranhão em 1864 e, em 1867, é matriculado no internato do Colégio Perseverança, no Rio de Janeiro. Em 1870, Inglês de Sousa faz os preparatórios no Recife e se matricula na Faculdade de Direito; nesse mesmo ano, passa as férias em Óbidos. Essa é a última vez que o autor esteve em sua terra natal². Mas, o pouco tempo que passou nessa região serviu de base para as suas obras literárias que focalizam a vida na Amazônia.

Inglês de Sousa é considerado o inaugurador do “ciclo amazônico” na literatura brasileira, pois foi o primeiro a por em evidência em seus romances e contos a Amazônia. Sua obra ficcional retrata a vida social e cultural dessa região, bem como, a relação do homem com a natureza exuberante e a exploração do homem e da terra, dentre outros assuntos. Segundo Lúcia Miguel-Pereira (1957) a obra do escritor obidense:

Considerada em conjunto, [...] apresenta-se como um documento social, fixando aspectos vários da Amazônia, da Amazônia do cacau e da pesca, região meio selvagem onde a vida era sempre uma luta [...] luta do homem contra o homem, e contra a natureza que o ameaça física e moralmente, pelos animais que o atacam, pela água que o afoga, pelo sol que o queima, pelo amolecimento que lhe derreia a energia. (p. 160)

O “conjunto” mencionado pela crítica é composto por *O cacaulista* (1876), *História de um pescador* (1876), *O coronel Sangrado* (1877), *O Missionário* (1891) e

¹ O autor é filho do desembargador Marcos Antonio Rodrigues de Sousa e de Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês, que constituem uma das mais antigas famílias paraenses. Inglês de Sousa faleceu no dia 6 de setembro de 1918, no Rio de Janeiro.

² Depois de morar em Santos e São Paulo, Inglês de Sousa fixou-se no Rio de Janeiro e, faleceu nessa cidade a 6 de setembro de 1918.

*Contos Amazônicos*³ (1893). Os primeiros livros do autor não tiveram repercussão, nem mesmo *O Coronel Sangrado*, que pode ser considerado o inaugurador da corrente naturalista na literatura brasileira⁴. Inglês de Sousa só foi reconhecido em 1891, com a publicação de *O Missionário*, seu livro naturalista ao extremo, com influência de Zola e de Eça de Queirós.

Recentemente a obra de Inglês de Sousa ganhou destaque com a publicação de *Contos de Inglês de Sousa* (2008) pela editora Difusão Cultural do Livro. O livro ilustrado por Dave Santana e Maurício Paraguassu, que contém a seleção de cinco⁵ contos de Inglês de Sousa, é destinado ao público infanto-juvenil. Com o mesmo propósito, a editora lançou uma edição ilustrada, em que o conto *A feiticeira* (2008) ganha edição exclusiva⁶. Dentre outros, o crescente interesse pela obra do escritor obidense pode ser explicado pelo destaque dado à região amazônica, que anteriormente se concentrava exclusivamente nos aspectos ambientais, mas, hoje, a nova tendência é ampliar os horizontes. Dessa forma, nada mais importante, do que trazer a lume, os *Contos Amazônicos*, a meu ver, a obra-prima de Inglês de Sousa.

Academicamente, a produção crítica recente sobre a obra de Inglês de Sousa é composta de publicações de livros, dissertações e teses, a saber: em Belém-PA, o livro *Inglês de Sousa em todas as letras*, de Paulo Maués Corrêa (2005), pela editora Paktatu, e dissertações defendidas na UFPA: *Sobre alguns temas em Inglês de Sousa: um ensaio caleidoscópico*, de Marcus Vinnicius Cavalcante Leite (1998); *O romance da vida amazônica: uma leitura sociológica da obra literária de Herculano Marcos Inglês de Sousa*, de Mauro Vianna Barreto⁷ (2000); *Os romances da mocidade 'Cenas da vida do Amazonas'* (um discurso narrativo da obra de Inglês de Souza) de Elaine Ferreira de Oliveira Cruz (2003); *Literatura e história na recepção crítica do conto de Inglês de Sousa*, de José Mourão de Araújo (2006); *A narrativa curta em Inglês de Sousa: uma análise de 'A feiticeira'*, de José Sousa (2006). Em São Paulo, encontra-se na PUC a

³ O livro é composto pelos seguintes contos: “Voluntário”, “A feiticeira”, “Amor de Maria”, “Acauã”, “O donativo do capitão Silvestre”, “O gado do Valha-me-Deus”, “O baile do judeu”, “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde”.

⁴ Segundo Alfredo Bosi (2001), Inglês de Sousa “antecipou o próprio Aluísio no manejo da prosa analítica” (p. 214). O livro *O Coronel Sangrado* “precede de quatro anos à publicação de *O Mulato*”, como “romance naturalista de costumes” (p. 215).

⁵ Os contos que compõem o livro são “A feiticeira”, “Amor de Maria”, “Acauã”, “O gado do Valha-me-Deus” e “O baile do judeu”, retirados dos *Contos Amazônicos*.

⁶ O mercado editorial também lançou edições dos *Contos Amazônicos* (Martins Fontes, 2005), e o nome de Inglês de Sousa também aparece no livro *Histórias de Fantasias e Mistérios* (Scipione, 2006), que reúne contos e crônicas de Rubem Braga, Origenes Lessa, Lima Barreto e Raimundo Magalhães.

⁷ Em 2003, a editora Letras à Margem publicou a dissertação de Mauro Barreto em livro, com apenas a modificação da palavra do título “sociológica”, que passa a ser “socioantropológica”.

dissertação: *A personagem Miguel e o contraste matutice X civilidade em O Coronel Sangrado de Inglês de Sousa*, de Lucimeire Ferraria Dotto (2008); e na, área de educação, as teses: *República, escola e cidadania: um estudo sobre três reformas para a educação no Espírito Santo (1882 – 1908)*, de Isabel Cristina Novaes (2001), e *A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do segundo império*, de Omar Schneider (2007).

No século XIX, a imprensa tem um papel importante para os homens de letras, pois “ela é que lhes permitia a divulgação de seus trabalhos e o contato com o público” (SODRÉ, 1999, p. 246). Inglês de Sousa não foge à regra, pois seus primeiros livros, antes de serem editados, foram publicados nos jornais. Além disso, o autor participou como colaborador, fundador e editor de periódicos em Recife-PE, em Santos - SP, e em São Paulo.

Data-se de 1873, em Recife, o início da carreira jornalística de Inglês de Sousa. Naquele ano, cursava Direito e colaborava com artigos e ensaios de crítica literária e filosófica no jornal *Lábaro*. Em 1875, nessa mesma cidade escreve o romance *O cacaulista*, que é publicado somente em dezembro de 1876, pela Tipografia do Diário de Santos.

No ano de 1876, Inglês de Sousa muda-se para São Paulo e na Faculdade de Direito termina o curso jurídico. Durante esse último ano do curso, o jovem escritor publica sua primeira obra, no periódico *A Academia de São Paulo*, que pertencia aos estudantes da Faculdade de Direito e cujo redator era Antonio Figueira. O primeiro capítulo d’*O cacaulista* é publicado no dia 30 de abril de 1876, na “Seção Literária” da folha acadêmica; já o segundo capítulo assume o rodapé da primeira página, na seção “Folhetim”, e nesse espaço permanece até o último capítulo⁸. No mesmo período, o romance também é publicado em Santos, na *Tribuna Liberal*, jornal editado pelo pai de Inglês de Sousa, associado com o bacharel Bento de Paula Sousa.

O pseudônimo assumido pelo autor na imprensa é o mesmo das publicações em livro: Luiz Dolzani⁹, com o qual assina os contos publicados na *Academia de São*

⁸ O texto publicado na imprensa é o mesmo do livro, confirmando a nota de abertura de *O cacaulista*: “entregando-o no estado em que foi escrito ao juízo da crítica” (SOUSA, 1973, p. IX).

⁹ Vicente Salles (1990) explica que “Os Sousa se encontraram com os Dolzani pelo casamento de Silvestre José de Sousa com Carlota Dolzani, avós do romancista. Carlota era filha de Pedro e Maria Dolzani, oriundos do norte da Itália, estabelecidos em Óbidos no final do século XVIII. Quando Inglês de Sousa adotou o pseudônimo Luiz Dolzani, com que assinou toda a sua obra de ficção, evocou certamente essa ascendência italiana” (p. 9).

Paulo em 1876, que seriam revisados e publicados posteriormente na coletânea *Contos Amazônicos* (1893). Os contos “Voluntário” e “Amor de Maria” foram publicados respectivamente em 2 de abril de 1876¹⁰ e 8 de maio de 1876¹¹, entretanto com outros títulos, a saber: “O recruta” e “Amor que mata”. O confronto entre os contos do jornal e do livro permite aferir que o fio narrativo é o mesmo, mas há mudanças nos títulos, que no caso de “O recruta” passa para o “Voluntário”, tornando-se irônico¹², e, no de “Amor que mata” para “Amor de Maria”, cria-se outra expectativa no leitor, visto que “Amor que mata” já remete ao desfecho da história. Além dos títulos, notam-se mudanças significativas na estrutura e no trabalho com a linguagem; na edição em livro, por exemplo, há uma configuração maior da cultura amazônica.

Esses contos publicados primeiramente em livro demonstram que a produção literária do autor em questão centra-se basicamente entre os anos de 1876 e 1877.

Os textos literários de Inglês de Sousa publicados em São Paulo repercutem no Recife, de onde amigos enviam cartas para a redação da *Tribuna*,¹³ transcritas no jornal *A Academia de São Paulo* no dia 22 de julho de 1876. Os amigos, Afonso O. Pinto Guimarães e Bello¹⁴, comentam as publicações de Luiz Dolzani e quase revelam quem se esconde por trás do pseudônimo, elogiando a produção do autor:

É com efeito um talento de muita robustez e força o Sr. Dolzani, como ele poucos manejam habilmente o bonito estilo a par de belas e edificantes imagens.

É, como eu, filho do Baixo Amazonas, e sempre procurou conhecer essas *esquisitices* dos habitantes das regiões amazônicas estudando os seus costumes, histórias e lendas.

Como esses belos espécimes que tem feito v. s. publicar eu conheço alguns trabalhos seus que primam pela beleza, imaginação, entusiasmo e amor pelas maravilhas da nossa fecunda província. (GUIMARÃES, 1876, p. 4)

¹⁰ O conto termina com a data de “São Paulo, 28 de março de 1876”.

¹¹ No caso de “Amor que mata”, o conto teria sido escrito em São Paulo, no dia 1º de maio de 1876.

¹² Paula Maués Corrêa (2004) encontra nas palavras da personagem Padre Pereira, a ironia expressa no título: “—Voluntários de pau e corda! disse causticamente o vigário padre Pereira fumando cigarros à porta de uma loja” (1988, p. 30).”(p. 119).

¹³ As cartas são dirigidas ao Capitão Marcelino Nery, redator do jornal. Nessa folha foi publicada uma apreciação sobre *O Cacaulista*, em que se perguntavam se o autor seria mesmo da região norte, nesse sentido encontram-se as cartas que afirmam que Luiz Dolzani é realmente paraense. As cartas são datadas de 27 de maio de 1876.

¹⁴ Bello escreve principalmente para afirmar a todos da *Tribuna* que Luiz Dolzani é paraense: “talvez que aí não se saiba quem é Luiz Dolzani – esse pseudônimo em que se oculta um belo e modesto talento paraense. Sou muito amigo de Dolzani, mas não devo dizer o seu verdadeiro nome, pois seria indiscrição e uma ofensa à sua modéstia”.

Guimarães acentua em sua carta a temática abordada por Inglês de Sousa em seus trabalhos, as “*esquisitices* dos habitantes das regiões amazônicas”, em que os “costumes, histórias e lendas” serão estudados não só nesse primeiro momento, mas em toda a sua obra literária. Percebe-se que Inglês de Sousa vem com a intenção de trazer a lume os costumes dos habitantes de uma região pouco conhecida em São Paulo e no Rio de Janeiro e que, naquele momento, começa a ganhar destaque, principalmente pelos textos sobre o Norte de Franklin Távora¹⁵.

Concomitante com a publicação de *O Cacaulista* na imprensa, Inglês de Sousa publica no periódico *O Constitucional* a continuação desse primeiro romance, a saber, *O Coronel Sangrado*. Em 28 de maio de 1876, no *Correio Paulistano*¹⁶, o poeta Carlos Ferreira¹⁷ escreve na seção “Folhetim”, um comentário sobre o “aparecimento” do romancista Luiz Dolzani:

Em todo e qualquer país civilizado, o aparecimentos de um romancista como esse, cujo pseudônimo deixo no alto destas linhas, é caso que merece sempre especial menção da imprensa e dos que prezam a honra das letras nacionais.

Entre nós, porém, onde por enquanto é costume não se ligar grande valor a cometimentos literários, e onde o escritor luta com todo o horror da indiferença pública, pode muita gente não ler este folhetim, por não conhecer absolutamente a distinta entidade que assina os seus escritos com o referido pseudônimo.

Em Portugal, por exemplo, se Luiz Dolzani aparecesse, escrevendo com a mesma perícia ao molde das cousas e costumes de lá como atualmente o faz fotografando com rara habilidade o viver e os curiosos costumes do norte do império americano, é bem provável que lhe dessem o valioso diploma de, pelo menos – sucessor de Julio Diniz. (FERREIRA, 1876, p. 1)

Carlos Ferreira demonstra em seu folhetim a luta pelo reconhecimento dos escritores do período, principalmente dos novos homens de letras. Em relação à apreciação do poeta sobre a obra de Inglês de Sousa, percebe-se o cunho de fotografar com “rara habilidade o viver e os curiosos costumes do norte do império”, mostrando a originalidade do escritor no âmbito literário, relacionando-o com o

¹⁵ No prefácio do livro *O cabeleira*, Franklin Távora expõe suas ideias sobre a “literatura do norte” e, continua divulgando o tema na imprensa, principalmente na *Revista Brasileira*.

¹⁶ O *Correio Paulistano* era uma folha “liberal, noticiosa, industrial e literária”, sendo de propriedade de Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

¹⁷ Carlos Augusto Ferreira (1844-1913), gaúcho, dedicou-se ao conto, ao romance, à poesia e ao teatro, sua produção concentrou-se entre os anos de 1865 e 1908. Seus principais livros foram *Cantos Juvenis* (1865), *Rosas Loucas* (1871) e *Plumas ao Vento* (1908). (cf. MOISÉS 2001, p. 550).

realismo/naturalismo. O comentário segue, revelando quem era Luiz Dolzani, e apontando o quinto anista do curso de Direito.

A apreciação de Carlos Ferreira tem um papel importante, pois apresenta o autor, que já conhecido nos “periódicos acadêmicos”, merecia uma apresentação na imprensa diária, dessa forma nada melhor do que o folhetim no *Correio Paulistano*, folha que circula na província de São Paulo desde 1854.

Sobre os romances *O cacaulista* e *O coronel Sangrado*, Carlos Ferreira expressa a seguinte opinião:

Tanto um como outro são dois trabalhos dignos de nota, dois cometimentos de fôlego que trazem em si a tríplice bondade do interesse no entrecho, de verdade no desenho dos costumes do norte, e da simplicidade e naturalidade do diálogo e no estilo em geral!

Ambos são admiráveis fotografias da natureza opulenta do Amazonas, caráter especial do povo e cunho pitoresco de seu viver íntimo e digno de ser devidamente poetizado.

Luiz Dolzani, a meu ver, promete ser, dentro de pouco tempo, o romancista por excelência nacional, mais pronunciado que o sr. Alencar, mais abundante que o sr. Juvenal Galleno, mais verdadeiro e correto que o dr. Bernardo Guimarães. (*Ibidem*)

O poeta ressalta sobre os dois livros: “interesse no entrecho”, “verdade no desenho dos costumes do norte” e “simplicidade e naturalidade do diálogo e no estilo em geral”, remetendo ou circunscrevendo o autor na literatura realista/naturalista, principalmente quando ressalta que as obras são “admiráveis fotografias da natureza”.

São nesses termos em que os homens de letras referem-se aos livros de Inglês de Sousa, naquele momento. Em dezembro de 1876, o autor muda-se para Santos e lá publica em livro os romances *O cacaulista* e *História de um pescador*, pela tipografia da *Tribuna Liberal* e do *Diário de Santos*.

Em 1877, agora com título de bacharel, Inglês de Sousa se dedica à advocacia e ao jornalismo. Em julho, juntamente com Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, fundam em Santos a *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*¹⁸. Essa é amplamente divulgada nos jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas.

A *Revista* era publicada uma vez por mês e tinha entre 64 a 150 páginas. Propunha-se a, conforme o anúncio publicado na *Gazeta de Campinas* em 31 de julho de 1877, “reunir e dar a lume as melhores produções inéditas dos homens de letras do

¹⁸ Impressa na Tipografia a vapor do Diário de Santos, instalada na Rua de Santo Antonio, 34. Mesma tipografia que publicou os romances do autor.

Brasil, tanto no campo da ciência, como no da literatura e das artes” (A REVISTA..., 1877, p. 4). Com assinaturas de 5000 réis por ano para Santos e São Paulo e, de 6000 réis para “qualquer ponto do Brasil ou do estrangeiro”, os editores também prometiam que em cada número apareceria “uma crônica do movimento literário, científico e artístico do mundo civilizado e um boletim bibliográfico do que de mais importante se publicar na Europa e na América” (*Ibidem*).

O texto de abertura da revista começa com “União e progresso”, palavras que remetem tanto ao positivismo como a maçonaria, apesar dos editores afirmarem que a revista era “despida de pretensões”. Segundo Inglês de Sousa e Antonio Carlos Ribeiro, a proposta do periódico era:

[...] proporcionar uma arena aos escritores do nosso país, àqueles poucos que se ainda não deixaram assoberbar pela onda política e dos negócios, e acreditam na possibilidade de uma regeneração para as nossas letras; agrupar os talentos espalhados por todo o Brasil, reunindo os seus escritos sem distinção de idéias políticas, mas somente com distinção do mérito em uma publicação mensal; eis o programa modestíssimo da nossa Revista, programa que se contém todo no seu título.(SOUSA, RIBEIRO, 1877, p.4)

O primeiro número da *Revista* era composto por um arrolamento da propriedade territorial de Santos, intitulado “Santos d’outrora”; uma lenda popular, Jacaré-ig pelo dr. Hypolito de Camargo; “Lembrança”, documento histórico por um Velho Monge; “Calvários”, introdução do poema inédito de Carlos Ferreira; “Cristo”, soneto de Generino dos Santos e uma “Crônica” de Inglês de Sousa.

Os assuntos da crônica escrita por Inglês de Sousa são as teorias de Darwin, depois o autor comenta uma poesia de Victor Hugo e termina divulgando os novos livros publicados de Emilio Erckmann e Lafayette Rodrigues Pereira. O autor assume o papel de cronista da *Revista*, comentando os últimos fatos.

Os anúncios da *Revista* resumem-se às últimas publicações da Tipografia do *Diário de Santos*, *O cacaulista*¹⁹ e *História de um pescador*, que poderiam ser adquiridos na própria tipografia do periódico e nas casas Garnier no Rio de Janeiro, Garraux, em São Paulo e, com Gaspar da Silva, em Campinas.

A partir do número 2, da *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, Inglês de Sousa, além de colaborar na seção Crônica, também colabora na seção

¹⁹ O livro *O cacaulista* é oferecido tanto em volume encadernado como brochado, já *História de um pescador*, apenas em volume brochado.

destinada exclusivamente à literatura. Sendo assim, traz a lume o conto “O sineiro da matriz”, que é a gênese do conto “O rebelde”, publicado posteriormente no livro *Contos Amazônicos*, reformulado e aumentado pelo próprio autor. Nesse periódico, Inglês de Sousa também publicou *O coronel Sangrado*, que seria editado em livro pela tipografia do *Diário de Santos*, em 1877.

A partir de 1878, Inglês de Sousa colabora no *Diário de Santos* e, nesse ano continua com a publicação da *Revista Nacional de Ciências Artes e Letras*. Também colabora na *Revista Brasileira* e funda a revista *A Ilustração Paulista*. O autor de *O Missionário* dedicou-se ao jornalismo durante toda a sua vida, colaborando em vários periódicos.

No século XX, o autor “recolhido ao silêncio”²⁰, parece descrente dos benefícios do jornalismo para a literatura nacional, conforme resposta dada à pergunta de João do Rio — “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” — em *Momento Literário*:

Fazer literatura e fazer jornalismo são coisas diversas, como fazer arquitetura e fazer engenharia.

Está demonstrado que se pode ser ótimo jornalista sem saber ler nem escrever. Em compensação, há redatores de periódicos que se contam entre os melhores literatos. Também há diretores e amanuenses de secretaria, escrivães e outros rabiscadores de papel, que são excelentes poetas e grandes romancistas. O que não quer dizer que a *burocracia* seja bom fator para a arte literária. (SOUSA, 1994, p. 74)

Inglês de Sousa separa o jornalista do escritor, posicionando-os em parâmetros diferentes. Sua visão cética do jornalismo nos leva a comparar com a abertura de sua *Revista Nacional*, em que ele acreditava nesse veículo como proporcionador de uma “arena” para os escritores que acreditavam em uma “regeneração para as nossas letras”.

O autor, apesar de ter se dedicado ao jurídico e à política, sempre esteve perto dos escritores da época, lutando pelas letras. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e, também era dono de um salão literário na Rua São Clemente, onde se reunia com os intelectuais e, com aqueles que estavam se iniciando na carreira literária.

²⁰ A afirmação foi feita por Clóvis Beviláqua, em resposta a João do Rio para o livro *Momento Literário*, comentando sobre “a nova feição do romance nacional” (p. 36)

BIBLIOGRAFIA

Periódicos:

Academia de São Paulo, A (1876)
Álbum, O (1893 – 1900)
Cidade do Rio (1887 – 1899)
Consciência, A (1876)
Constitucional (1875 -1886)
Correio Paulistano (1875 – 1899)
Diário de Notícias (1885 – 1895)
Diário de Santos (1876 – 1890)
Estado de São Paulo, O (1875 – 1899)
Gazeta de Campinas (1876 – 1888)
Gazeta de Notícias (1876 – 1899)
Ilustração Paulista (1881)
Imprensa, A (1880 – 1899)
Mequetrefe, O (1876 – 1899)
Notícia, A (1895 – 1899)
Novidades (1887 – 1899)
País, O (1884 – 1899)
Revista Brasileira (1879-1898)
Revista Ilustrada (1876 – 1898)
Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras (1877 - 1878)
Tribuna Liberal (1876 – 1878)
Tribuna, A (1876 -1877)

Livros:

A REVISTA de. *Gazeta de Campinas*. Campinas – SP, p. 4, 31 de julho de 1877.

ARAÚJO, José Mourão de. *Literatura e história na recepção crítica do conto de Inglês de Sousa*. 2006. 126f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2006. UFPA.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

AZEVEDO, J. Eustachio de. *Literatura Paraense*. 3. Ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado de Cultura, 1990.

BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003.

_____. *O Romance da vida amazônica: uma leitura sociológica da obra literária de Herculano Marcos Inglês de Sousa*. 2000. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2000. UFPA.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympo/Academia Brasileira de Letras, 2005.

CAMPOS, Humberto de. *Carvalhos e roseiras: figuras políticas e literárias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. V. I e V. II. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1981.

_____. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo. T.A. Queiroz, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500 – 1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p.399-406.

CASTRO, Celso. *A proclamação da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CORREA, Paulo Maués. *Inglês de Sousa em todas as letras*. Belém: Paka-tatu, 2004.

COUTINHO, Afrânio (ORG.). *A Literatura no Brasil*. 6 v. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.

CRUZ, Elaine Ferreira de Oliveira. *Os romances da mocidade 'Cenas da vida do Amazonas' (um discurso narrativo da obra de Inglês de Souza)*. 2003. 98f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém, 2003. UFPA.

DOTTO, Lucimeire Ferrari. *A personagem Miguel e o contraste matutice X civilidade em O Coronel Sangrado de Inglês de Sousa*. 2008. Dissertação (Mestre). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2008. PUC-SP.

FERREIRA, Carlos. Luiz Dolzani. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 28 de maio de 1876.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FREITAS, Afonso Antonio de. *A imprensa periódica de São Paulo: desde seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1915. p. 280.

GUIMARÃES, Afonso O. Pinto. ILMO. Sr... *A Academia de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 22 de julho de 1876.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- JOSEF, Bella. *Inglês de Sousa*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.
- LEITE, Marcus Vinnicius Cavalcante. *Alguns Temas em Inglês de Sousa. Um ensaio caleidoscópico*. 1998. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 1998. UFPA.
- LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- MARTINS, Wilson. *Pontos de vista 1: crítica literária*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. p. 159 – 168.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- NOBRE, Freitas. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo: Edições LEIA, 1950
- NOVAES, Isabel Cristina. *República, escola e cidadania: um estudo sobre três reformas para a educação no Espírito Santo (1882 - 1908)*. 2001. Tese (Doutor). Pontífca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2001. PUC-SP.
- PENNA, Lincoln de Abreu. *República brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 21 – 84.
- RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Criar, 1994.
- SALLES, Vicente. Introdução. SOUSA, Inglês de. *História de um pescador; cenas da vida do Amazonas*. Belém: Fundação Cultura do Pará Tancredo Neves/ Secretaria de Estado de Cultura, 1990.
- SCHNEIDER, Omar. *A Circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do segundo império*. 2007. Tese (Doutor). Pontífca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2007. PUC – SP.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Graca Maria Teixeira. *Historiografia e hegemonia na literatura brasileira: a perspectiva amazônica*. 2002. 258f. Tese (Doutor). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. UFRJ.
- SIMÕES JR, Álvaro S. Uma geração que sonhou viver de literatura. *Pós- História*, Assis, v.6. p. 87-100, 1998.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUSA, Inglês. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *História de um Pescador*; cenas da vida do Amazonas. Belém: FCPTN/SECULT, 1990.

_____. *Contos de Inglês de Sousa*. São Paulo: DCL, 2008.

_____. *O Cacauleta*. Cenas da vida do Amazonas. Belém: UFPA, 1973.

_____. *O Coronel Sangrado*. Cenas da vida do Amazonas. Belém: UFPA, 1968.

_____. *O Missionário*. São Paulo: Ática, 2002.

_____; RIBEIRO, Antonio. UNIÃO e... *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos – SP, p.4, julho de 1877.

_____. Inglês de Sousa. I: RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Criar, 1994.

SOUSA, José. *A narrativa curta em Inglês de Sousa: uma análise de 'A feiticeira'*. 2006. 104f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2006. UFPA.